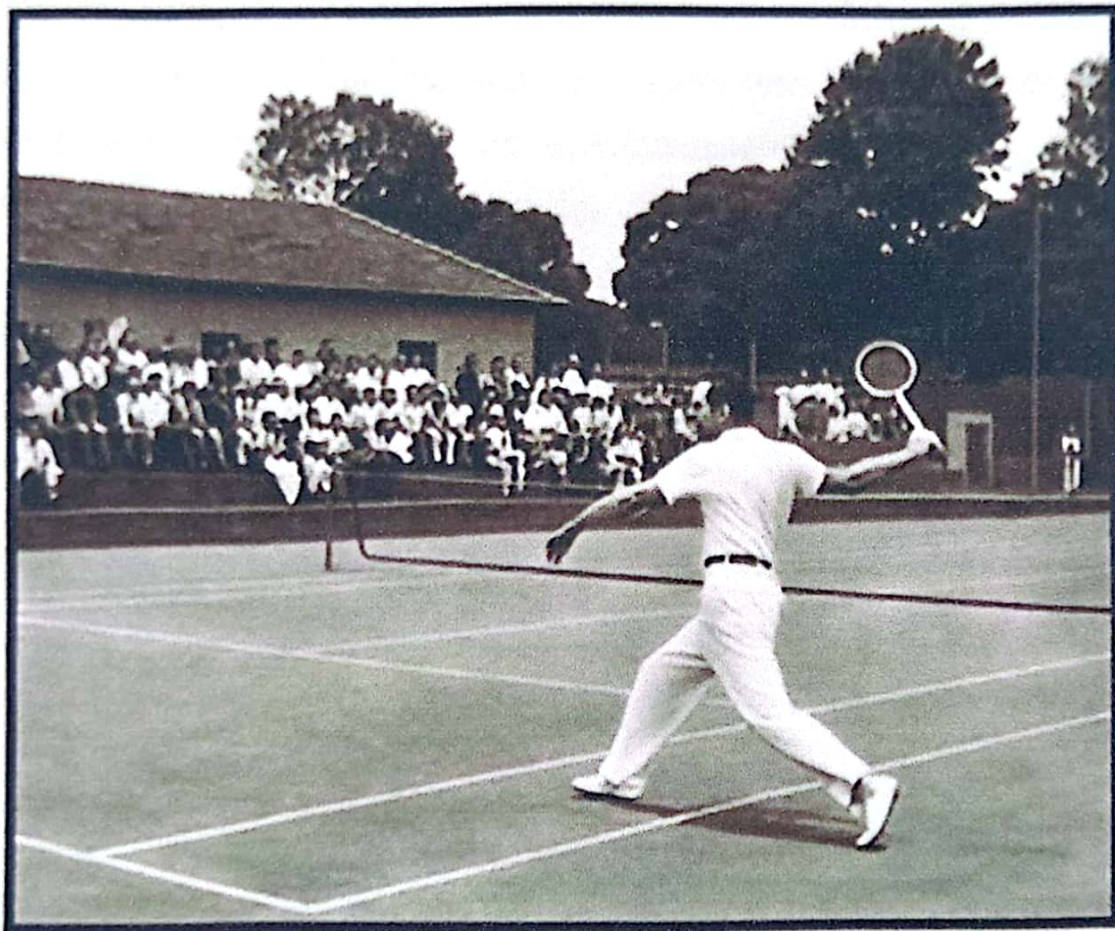


O INÍCIO DO TÊNIS EM BARRETOS



ONDE TUDO COMEÇOU

GRÊMIO 

AGOSTO, 2025.

Introdução

Escrito por Marcus de Queiroz Cotrim, *O Início do Tênis em Barretos* traz à tona a história de um movimento que ultrapassou as linhas de uma quadra para se tornar parte da identidade do clube: a prática do tênis. Mais do que uma atividade física, ele se transformou em uma tradição viva, passada de geração em geração dentro desse clube.

Nesta obra, acompanhamos o nascimento de uma paixão que uniu pessoas de diferentes idades, histórias e sonhos em torno de um mesmo ideal. O esporte, aqui, é mais do que competição: é encontro, é laço, é comunidade. Cada partida jogada, cada risada compartilhada nas arquibancadas, cada celebração reforça o sentimento de pertencimento e orgulho de fazer parte de algo maior. Esta é a história de como o tênis se tornou um símbolo de união e memória afetiva para todos os sócios do clube.

A História da Praça de Esporte do Grêmio

Atualmente, a única pessoa que pode contar como foi o início da Praça de Esportes do Grêmio sou eu, Marcus de Queiroz Cotrim, pois os dez fundadores já faleceram.

Após o falecimento do meu pai, aos 91 anos, em São Paulo, no ano de 1994, soube que seu primo, Mário Mazzei Guimarães (redator-chefe da *Folha de S. Paulo* por mais de 20 anos), foi também um dos dez sócios do Tênis Esporte Clube.

Ele veio para Barretos pois havia arrendado o jornal *A Semana*, permanecendo na cidade por cerca de dez anos. Sabendo disso, pedi a ele que me enviasse tudo o que constava na seção de esportes sobre o Tênis Esporte Clube (T.E.C.).

No dia 20/06/1995, recebi do Mário a seguinte carta:

MARCUS,

"Infelizmente, não pude tirar xerox das notícias da coluna de esportes do jornal *A Semana*, do tempo em que estive em Barretos, de março de 1929 a fevereiro de 1940. Os jornais estavam encadernados e, assim, não dava para tirar cópias. Deliberei, então, copiar à máquina de escrever o noticiário que encontrei, a fim de esclarecer que seu pai, Amir Guimarães Cotrim, foi o primeiro presidente do Tênis Esporte Clube.

O clube foi fundado em 1938, conforme as informações recebidas. A iniciativa partiu de seu pai, Amir Guimarães Cotrim, que, segundo ele mesmo, convidou parentes, contraparentes e amigos para a empreitada.

Fui incumbido de manter contato em São Paulo para a construção da primeira quadra. Consegui, com o Doutor Abílio Pereira de Almeida, que ele contratasse alguns portugueses que trabalhavam no Clube Paulistano para irem a Barretos dar conta da empreitada. Lembro-me de que andei com seu

pai e os portugueses pelos arredores de Barretos e Colômbia, em busca de saibro adequado para a quadra de tênis — e conseguimos.

Os nomes dos dez sócios fundadores do clube foram: Amir Guimarães Cotrim, Abel Coimbra, Oswaldo Rodrigues Borges, Sandoval Coimbra, João de Almeida Queiroz, Samuel Moreira, Jarbas Landin, Oliver Heiland, Edson Pinho e Mário Mazzei Guimarães."

O Doutor Amir Cotrim, meu pai, estudou Medicina no Rio de Janeiro e, lá, no Fluminense Esporte Clube, teve aulas de tênis, tornando-se adepto desse esporte. Como em Barretos não existia quadra naqueles tempos, por volta dos anos de 1938 a 1939, o Doutor Cotrim procurou o senhor João Barone, que doou ao futuro clube uma área de dez mil metros quadrados (um quarteirão), onde atualmente se situam as quadras mais antigas do Grêmio Esporte Clube, para que ali fosse construída a primeira quadra.

Sobre a construção das quadras, foi pedido a cada sócio a quantia de um contos de réis, uma soma bastante significativa para a época.

No dia 10 de julho de 1939, o jornal *A Semana* noticiou: "Chegaram a Barretos tenistas de Bebedouro para a inauguração da quadra. Como Samuel Moreira e Oswaldo Borges estavam ausentes da cidade, o único tenista que pôde competir foi o Doutor Amir Cotrim."

Os jogadores de Bebedouro que participaram da inauguração foram: Delegado Plínio Brito, Pedro Pereira, Máximo de Castro Rebelo, Plínio Furtado e Rui Caldeira.

Já no dia 7 de julho de 1938, também na página de esportes do jornal *A Semana*, saiu a seguinte nota:

"Será inaugurada a quadra de tênis do Esporte Clube. Os jogos ocorrerão às 14 horas para não prejudicar a partida de futebol entre Bancários x Forenses."

No dia 2 de dezembro de 1939, o Doutor Amir Cotrim apresentou um relatório das atividades do clube, evidenciando um saldo positivo.

Na ocasião, foi deliberado que se aceitassem mais dez sócios para o clube. Segundo o relatório, "o trabalho mais árduo, que era construir a quadra, a diretoria havia conseguido. Restava agora que os novos diretores conseguissem dar ânimo ao esporte e promover intercâmbios com cidades vizinhas."

A diretoria eleita para o segundo mandato foi composta por:

- Presidente: Abel Coimbra
- Vice-presidente: Oliver Heiland
- Secretário: Dr. Jarbas Landin
- Tesoureiro: Dr. Edson Pinho

Logo após o início do mandato do segundo presidente do clube, o jornal *A Semana* noticiou a morte, em um desastre aéreo, do presidente do Tênis Esporte Clube, Dr. Abel Coimbra, que também fazia parte do Aeroclube de Barretos.

No dia 04 de novembro de 1941, os sócios do Tênis Esporte Clube doaram a quadra e o respectivo terreno ao Grêmio Literário e Recreativo de Barretos, conforme registrado em ata da diretoria gremista. A ata da reunião ordinária do Grêmio foi lavrada nessa mesma data. Desde então, o clube passou oficialmente a pertencer ao Grêmio, durante a gestão do Majorzinho Junqueira, irmão do Sr. Bié Junqueira.

Na ata gremista, não constaram os nomes dos dez doadores do Tênis Esporte Clube, o que, segundo relatos da minha mãe, deixou meu pai muito desgostoso.

Durante essa mesma gestão do presidente Majorzinho Junqueira, meu tio, Sr. Oswaldo Borges, era vice-presidente do Grêmio. Em uma conversa com ele, já no final de 1990, me contou o seguinte:

"Resolvi ir a Olímpia, onde residia o Dr. Neves, pai do Dr. Antônio Leal Costa Neves, casado com uma das filhas do Sr. Joaquim Queiroz, seu avô. Chegando lá, perguntei ao Dr. Neves se ele venderia a piscina velha e os terrenos anexos ao Grêmio.

Ele pensou um pouco e disse:

— Oswaldo, para você eu vendo.

Perguntei então:

— E quanto o senhor quer pelo terreno?

Ele pensou novamente e respondeu:

— Quero quarenta contos de réis. Disse a ele que conseguiria o dinheiro e voltaria a Olímpia para passarmos a escritura."

Segundo soube, Oswaldo Borges saía com sua carteira recolhendo contribuições de amigos e conhecidos, dizendo:

"Este dinheiro vai ajudar o Grêmio a comprar um terreno junto às quadras de tênis."

Em uma dessas ocasiões, conversando com o Sr. José Diniz, que na época era gerente do Banco Mercantil, meu tio tirou da carteira uma nota de quinhentos mil-réis, que — segundo contou — valia o equivalente a dois meses de ordenado.

Tio Oswaldo me contou que pegou dinheiro de amigos e conhecidos como Nadir Quenan, Zéquinha Amendôla, Teófilo Benabem do Vale, Nicómedes Mafra e outros. Conhecendo o tio Oswaldo como eu conhecia, perguntei a ele se havia conseguido todos os quarenta contos, e ele respondeu, dizendo:

— Consegui um pouco mais da metade, e o resto dei do meu bolso.

Então ele foi a Olímpia procurar o Dr. Neves para passarem a escritura. Disse que o Dr. Neves comentou:

— Pedi muito pouco...

E o tio Oswaldo respondeu:

— Foi o que o senhor pediu na época, o senhor lembra?

Não discutiu o preço. Disse ele para mim que o Dr. Neves pensou e argumentou:

— Palavra é palavra, Oswaldo. Vamos passar a escritura.

Para quem não é da época, esse terreno corresponde à piscina velha com barracão e vestiários, o campo de futebol atual e as quadras de futebol de salão, voleibol e basquete, numa área de vinte mil metros quadrados, equivalente a dois quarteirões.

Na ata gremista, consta que o Grêmio fez um empréstimo no banco e comprou o terreno — fato que, como contei acima, não corresponde à realidade.

Em memória do meu pai, Dr. Amir Cotrim, do meu tio, Sr. Oswaldo Borges, e de outros nomes importantes da sociedade, contei a verdadeira história da formação da praça de esportes do Grêmio. Agora, vou contar fatos que vivenciei ao longo da minha participação, por seis vezes na diretoria e em várias ocasiões no conselho.

Quando voltei para Barretos, em 1962, após ter me formado em Veterinária, alguns meses depois o Sr. Chiquito Costa me chamou para fazer parte da sua diretoria, já no ano de 1963. Eu aceitei. O Sr. Chiquito Costa foi uma das grandes pessoas que conheci, assim como sua esposa, Dona Dinah.

No ano seguinte, em 1964, o Sr. Rui Menezes me telefonou para que eu fizesse parte da sua diretoria. Disse a ele:

— Eu agradeço o convite, mas antes queria conversar com o senhor.

Agora, quero fazer uma pausa e contar o porquê de eu querer conversar com o Sr. Rui Menezes.

Em 1963, fui com Caetano Galati, Baiano e Roberval Câmara disputar os Jogos Abertos, em Marília. Naquela época, em Barretos, não existia nenhuma quadra de bola ao cesto (basquete), nem de vôlei. O Caetano Galati, durante vários anos, foi presidente da Comissão Municipal de Esportes de Barretos. Como alguns jovens se inscreveram para os Jogos Abertos de Marília, para que pudessem treinar, o Sr. Caetano improvisou colocando um poste com aro de basquete, sem tabela e sem rede, lá na praça de esportes do Grêmio.

Fui com Roberval assistir ao jogo dos Jogos Abertos, em Marília. Barretos perdeu o primeiro tempo por 27 x 0. A torcida gritava:

— Barretos, faz pelo menos um ponto!

Os atletas de Barretos eram: Norton Gagliard, Mocambo, Paulo Witzel, Caxambu, e o quinto jogador eu não me lembro. No final, perdemos de 59 x 7.

Chegando a Barretos, falei com Caetano Galati:

— Vamos à reunião da Câmara dos Vereadores pedir a eles para construírem, no Mercado Municipal, na Rua 14, duas quadras para vôlei e uma de basquete.

No fim da sessão, fomos conversar com os vereadores da época, e eles nos disseram:

— Se fizermos isso, nunca mais seremos eleitos.

Por isso, em 1964, na diretoria do Sr. Rui Menezes, quando ele me fez o convite para participar, falei:

— Agradeço o convite, Sr. Rui, mas com uma condição: que o senhor prometa construir duas quadras, uma de basquete e outra de vôlei, e colocar saibro nas duas quadras de tênis existentes na época.

Aí contei para o Sr. Rui o ocorrido em Marília. Então ele me disse:

— Pode entrar na diretoria que eu prometo o que você pediu.

Quero dizer aqui que o Sr. Rui Menezes foi um ótimo presidente. Na época, o Grêmio tinha apenas oitocentos sócios, e, pelo tamanho do clube, precisava de mais. Em pouco tempo, conseguimos colocar mais quatrocentos sócios.

Numa das primeiras reuniões da diretoria, peguei duas folhas de desenho e, com o auxílio de uma régua, fiz vários quadradinhos — cerca de cem por folha. Um dos locais de encontro dos sócios que jogavam futebol era o Cisne, loja do Alberto Arutim. Na ocasião, marquei vinte quadrados para o Alberto, dizendo que cada quadrado era o valor de um saco de cimento. Sugeri que ele convencesse seus amigos do futebol a "comprarem um quadradinho" — ou seja, a doarem um saco de cimento para as futuras quadras.

Também pude contar com o apoio financeiro de tios e amigos, que ajudaram na arrecadação de fundos para a construção. Vale lembrar que, no papel onde estavam os quadradinhos das futuras quadras, havia a rubrica do Sr. Rui Menezes.

Em uma semana, vendi todos os quadradinhos.

Quando cheguei na reunião da diretoria — que acontecia todas as terças-feiras —, o pessoal ficou animado com o sucesso das "vendas". Isso despertou o interesse de outros membros em também colaborar com a arrecadação para a construção das quadras.

O Sr. Rui era muito conhecido e sério, e para quem ele pedia, ninguém negava. Os vice-presidentes eram: Nenê Andrade, gerente na

época do Banco Brasil; o Sr. Urias de Paula, dono do escritório Evaristo, que era o maior escritório de contabilidade de Barretos; e o Guy Magaline, que era o tesoureiro do clube na época, e era contador de grandes fazendeiros.

Em um mês, entrou tanto dinheiro que daria para fazer umas cinco quadras. Aí o Sr. Rui se animou e disse:

— Vamos iluminar as quadras e o campo de futebol!

Nessa época, em que eu estava começando minha vida, descobri que a vontade política é fundamental, tanto para fazendeiros, empresários quanto para políticos.

O Dr. Ary Ribeiro de Mendonça, vizinho do Grêmio, vendo o movimento das construções, me entregou um cheque de cem mil cruzeiros, para que fizéssemos um muro entre o campo de futebol e sua chácara. Tivemos que construir um muro de arrimo e colocar um alambrado alto para que as bolas não caíssem em sua propriedade.

Pedi ao Sr. Rui se eu poderia chamar o Nivaldo Gomes para fazer as plantas das quadras e arquibancadas. Chamei o Nivaldo e escrevi para São Paulo pedindo as medidas oficiais das quadras e arquibancadas. Também escrevi para a Philips e a G.E. (General Electric), enviando as medidas das quadras, o número de holofotes necessários, a quantidade e a altura das torres de iluminação.

Algum tempo depois, chegaram os projetos das iluminações da Philips e da G.E. Escolhemos o projeto da G.E. para o campo de futebol e o da Philips para as quadras de basquete.

O Sr. Rui me pediu para ir à oficina dos irmãos Vicentini, que ficava na Rua 22, próxima à sede do Grêmio, para encomendar as doze torres das quadras de basquete e vôlei — que ainda estão lá até hoje.

Em 1966, fui novamente convidado, agora pelo Dr. Faleiros, para ser diretor de esportes. Nessa diretoria, o Dr. Faleiros, junto com o Sr. Nelson Andrade, foram os responsáveis por transformar o Grêmio, que até então era uma "joia", em um título patrimonial. Foi uma mudança necessária, e todos nós gremistas devemos muito a esses dois nomes.

Soube que os dois primeiros títulos foram sorteados entre eles, e até hoje não sei quem ficou com o número um. Como eu era diretor, os

primeiros títulos foram sorteados entre os diretores e conselheiros, e no sorteio, fiquei com o título número 15.

Depois da diretoria do Dr. Faleiros, fui chamado pelo Sr. Nelson Andrade para ser novamente diretor de esportes (1966-1967). Foi a primeira gestão com dois anos de mandato, pois as anteriores tinham duração de um ano. Isso foi possível graças à reforma do Estatuto do clube, que transformou o clube de "joia" para título patrimonial.

O Sr. Nelson também mudou a data da posse das novas diretorias. Antes, os mandatos começavam no dia 1º de janeiro, mas o Sr. Nelson alterou a posse para o dia 26 de abril, data do aniversário da fundação do Grêmio. Foi uma ótima ideia, pois a diretoria nova começava o mandato nas férias, sem poder tomar parte da situação do clube.

Na gestão do Sr. Nelson Andrade, ele chamou um arquiteto de São Paulo, o Nestor Lindeberg, para fazer as reformas na praça de esportes. Ele realizou os estudos necessários, mas, mais tarde, vimos que muitas coisas não funcionaram. A construção em frente às piscinas teve grandes erros.

Eu, pessoalmente, não pude interferir, pois não sabia nada sobre construções e não tinha experiência na área. O maior erro foi isolar a parte superior da construção, colocando uma cabine telefônica no meio. A cozinha ficava no subsolo, e as comidas subiam para a parte de cima por um elevador manual puxado por uma corda.

Nesta cozinha, nunca se havia preparado comida. Para a cobertura, o Sr. Lindenberg trouxe um japonês de São Paulo que fabricava telhas de fibra de vidro. As telhas eram tão grandes que foi necessário um caminhão especial para trazê-las de São Paulo. Como Barretos é uma cidade muito quente, nas telhas apareceram bolhas que precisavam ser lixadas e remendadas.

Esse problema só foi resolvido na gestão do Dr. José Carlos Pires de Campo, em 1985, quando também fiz parte da diretoria. Com o lucro do carnaval (o último realizado pelo Grêmio), ele, como presidente, colocou calhetões de amianto que até hoje permanecem.

Quem não conhecia o Sr. Nelson achava que ele fosse muito fechado e sério, mas, no dia em que estive na diretoria, vi nele um homem amável, bom amigo e ótimo presidente.

Um dia, antes de ir para a fazenda, fui à praça de esportes. Devia ser por volta das treze horas, e naquela época era permitido entrar de carro. Quando cheguei à casa do Baiano, que ficava atrás da piscina, haviam três biribas estacionadas. Para quem não é da época, os biribas eram táxis menores. Estava acontecendo uma festa na casa.

Fui convidado para tomar uma cerveja e almoçar, agradeci e chamei o Baiano para receber umas bolas para o campeonato da noite.

Quando saí, passei perto de um telefone e liguei para o Sr. Nelson para saber se ele poderia me encontrar lá na praça de esportes às 18 horas. Ele disse que sim. Quando nos encontramos, contei a ele o que havia acontecido.

O Sr. Nelson chamou o Baiano e deu um prazo de 30 dias para que ele se mudasse, pois iria derrubar sua casa, assim como o barracão e os vestiários da piscina velha, para fazer as reformas necessárias.

Para quem não era da época, o funcionamento da Praça de Esportes era das 8h às 11h e das 15h às 18h, até o término da gestão do Sr. Nelson Andrade.

Foi eleito para o mandato de 1968-1969 o Dr. Ary Ribeiro de Mendonça.

Durante seu mandato, o Geraldo Mozaner era diretor de patrimônio. Geraldo tinha muito bom gosto e era sofisticado, então resolveu montar na sede do Grêmio um restaurante “À La Carte”, pois, até então, no Grêmio, para comer só havia Bauru e misto quente. Até os filets, que ainda estão no cardápio do Grêmio, são autoria do Geraldo Mozaner.

Nesta diretoria do Ary Ribeiro, eu fazia parte do conselho do Grêmio, e houve uma disputa para escolher o próximo presidente. Havia três candidatos: o Ary apoiava o Chiquito Costa, havia o Dr. Faleiros, e eu apoiava o Nico Amendôla, que foi eleito para a gestão de 1970-1971. Nesse mandato, fui diretor social.

Na diretoria do Dr. Ary Ribeiro, o conselho era quem decidia e aprovava a execução de reformas e construções. Um dia, fui à praça de esportes e vi que o terreno entre o casarão e as três quadras de tênis, que seriam construídas mais tarde, estava sendo aterrado. Pedi para pararem de colocar terra até a próxima reunião do conselho.

Nessa reunião, convenci os conselheiros de que era preciso retirar a terra e construir um muro de arrimo. O José Amim Daher era conselheiro, e pedi a ele que conversasse com seu cunhado, o Dr. Necker de Camargo, que era engenheiro do DER, para que mandasse uma máquina e um caminhão para retirar a terra onde seria feito o muro de arrimo e as quadras de tênis próximas ao casarão.

Em 26 de abril de 1970, o Nico Amendôla tomou posse como presidente. O Grêmio, nessa época, já havia passado para o título patrimonial e tinha dinheiro em caixa. O conselho nomeou dois conselheiros para cuidar da construção, mas, como eles não demonstraram interesse nas obras, o Nico disse:

— Vamos tocar essas obras por conta da diretoria.

E assim foi feito.

Naquela época, fui jogar tênis por Barretos nos jogos abertos de São José dos Campos. O clube lá era novo e moderno. Quando voltei, contei para o Nico Amendôla e para o arquiteto das obras, Nivaldo Gomes, como era o vestiário onde jogamos em São José dos Campos.

Em reunião do conselho-diretoria, com a presença do Nivaldo Gomes, discutimos como seriam as obras. O Nivaldo sugeriu mudar o local do ginásio de tênis para o lugar onde ele está hoje, e que o campo de futebol dos meninos fosse feito perto das piscinas.

Foi uma grande ideia do Nivaldo, pois, se o ginásio fosse feito onde hoje é o campo dos meninos, ficaria um trambolho ao lado das piscinas.

Nessa mesma reunião, o Dr. Hugo Rezende, que era diretor de esportes e membro da diretoria, deu uma ideia ótima: construir uma escada e corredores dividindo os vestiários em lados diferentes, com duas escadas separadas para o acesso às piscinas, e dois pontos distintos com filtros de água para as piscinas.

O engenheiro hidráulico e sanitarista na época, Dr. Andraus Gassani, era meu amigo e jogava em nosso time de futebol, o chamado “Madrugada”. Pedi ao Andraus que calculasse o encanamento dos novos vestiários. A diretoria havia construído a caixa d’água que está lá até hoje, entre as quadras antigas de tênis e as piscinas.

O Andraus se mudou e nunca mais o encontrei. Era um ótimo amigo e muito competente.

Nico Amendôla permaneceu mais de um mandato, de 1971 a 1973, mas eu e o Dr. Hélio Bezerra — uma das melhores pessoas que conheci até hoje —, assim como o Hugo Rezende, não continuamos nessa diretoria.

A diretoria seguinte foi a do Luís Veloso, que construiu a sauna e a quadra de bocha. Depois veio a diretoria do Osvaldo Monsef, que construiu as três quadras de tênis ao lado do casarão.

Como eu ainda fazia parte do conselho do Grêmio, ficou resolvido que, depois da conclusão das piscinas e dos vestiários, seriam construídas a sauna e a bocha (na gestão do Luís Veloso). Em seguida, as quadras de tênis (na gestão do Osvaldo Monsef). Por fim, seriam construídos os novos restaurantes na sede.

No final da diretoria do Osvaldo Monsef, foi estipulado um prazo para a entrega das plantas da reforma do restaurante. Na época, eu ainda fazia parte do conselho.

Não poderia encerrar esse relato sem mencionar que o José Amim foi o maior jogador de todos os tempos do Grêmio, e que o Juracy Petroucic, entre os tenistas que disputavam os Jogos Abertos Regionais, ganhava todas as partidas. Quero também lembrar aqui de José Antônio Galati e Jomar Dalmoro, que também foram excelentes tenistas.

Considerações Finais

Agradeço, finalmente, ao Ricardo Daher por ter me cedido este espaço para contar a história da nossa querida Praça de Esportes, e também a todos que fizeram parte desta diretoria, enaltecendo o trabalho de cada um.

Quero destacar especialmente o Ricardo, por sua dedicação como presidente — uma gestão marcada por obras e melhorias, que têm trazido os sócios de volta ao clube.

Gostaria ainda de lembrar de alguns funcionários que trabalharam no Grêmio ao longo dos anos, pois sem eles não teríamos chegado tão longe!

Agradeço aos porteiros do clube: Wanderlei, Geraldo e dona Tereza, que era chefe da limpeza. Aos garçons: Osvaldo, Nego e Mário — este último ainda está entre nós, tendo sido por vários anos o chefe dos garçons.

Lembro com carinho do "Piolho", que começou como garçom e depois foi efetivado como caixa. Era uma pessoa alegre, muito correta e amiga. E também do nosso querido porteiro e eterno amigo, Gerson.

Na Praça de Esportes, tivemos o Baiano, excelente funcionário e chefe da equipe da piscina, além de ter sido, durante vários anos, o melhor tenista de Barretos. Também cito com gratidão: Joaquim, Dito, Gioconda, Skol, Minor, e tantos outros tenistas e colaboradores que fizeram história.

Quero finalizar dizendo que todos os que passaram pelas diretorias e pelo conselho deliberativo sempre deram o melhor de si, pensando no bem do nosso clube, o Grêmio de Barretos.

ALGUMAS FOTOS DAQUELA ÉPOCA



"Grêmio Literário e Recreativo"

Fazia parte de sua diretoria quando a piscina ficou pronta, na parte esportiva, e teve de se preocupar bastante com a canalização de água para a mesma, da Represa do Aleixo. Os poços artesianos só foram construídos anos depois. Contribuiu adquirindo ações para a construção do grandioso prédio da Sede do club, na Avenida 19.

Assim o Club com ótima Sede e ampliação de piscinas, quadras de esporte, novas construções e outros melhoramentos em sua parte esportiva; e também, com a aquisição de uma grande área, de uma chácara vizinha, tornou-se um dos clubes mais bonitos e funcionais do Interior do Estado de São Paulo.

Textos manuscritos nas fotos:

Foto superior esquerda: Campeonato de Tênis

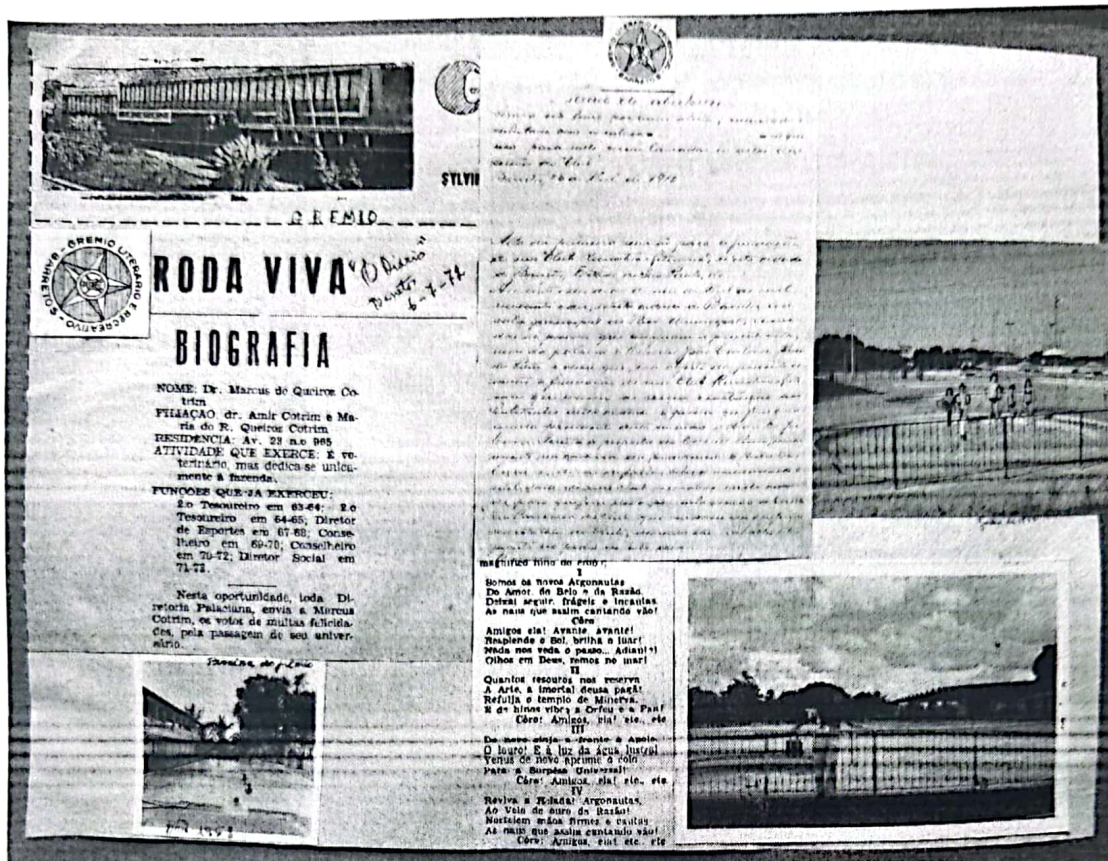
Foto central esquerda (piscina): "Dia vinte e um de junho de mil novecentos e quarenta e sete (21-06-47)"

Foto inferior esquerda (quadra de tênis): "Dia vinte e seis de outubro de mil novecentos e quarenta e seis (26-10-46)"

Fotos central e inferior direita (grupo de pessoas em arquibancadas): "Dia vinte e um de outubro de mil novecentos e quarenta e seis (21-10-46)"

Foto superior direita (grupo de pessoas): "Comissão das festas da inauguração da piscina. Barretos dia vinte e um de outubro de mil novecentos e quarenta e seis (21-10-46)"

Foto inferior direita (paisagem): "Praça de esportes do Grêmio Literário e Recreativo"

**RODA VIVA**

BIOGRAFIA

NOME: Dr. Marcus de Queiroz Cotrim

FILIAÇÃO: Dr. Amir Cotrim e Maria do R. Queiroz Cotrim

RESIDÊNCIA: Av. 23 nº 30.965

ATIVIDADE QUE EXERCE: É veterinário, mas dedica-se unicamente à fazenda.

FUNÇÕES QUE JÁ EXERCEU:

2.º Tesoureiro em 63-64; 2.º Tesoureiro em 64-65; Diretor de Esportes em 67-68; Conselheiro em 69-70; Conselheiro em 70-72; Diretor Social em 71-73.

Nesta oportunidade, toda Diretoria Palaciana, envia a Marcus Cotrim, os votos de muitas felicidades, pela passagem de seu aniversário.

(Foto em preto e branco com legenda: "Piscina do grêmio – Btos, 1958")

Termo de Abertura

(continua com texto manuscrito de difícil leitura, mas fala sobre inauguração e agradecimentos a colaboradores e autoridades, datado de Barretos, 20 de abril de 1910).

Tênis Club de Barretos.

Como havia aprendido a jogar tênis no Club Paulistano, do qual foi sócio, ressentiu a falta desse esporte em Barretos.

Assim, em 1939, com alguns amigos fundaram o Tênis Club de Barretos.

Sendo ele o mais interessado, arranhou um bom terreno e com um técnico, que ao seu pedido, um seu primo enviou, do Club Paulistano, construíram a primeira quadra de tênis, em Barretos.

1ª quadra de tênis em Barretos

Barretos - junho de 1939

Barretos - junho de 1941

Barretos - junho de 1942

Barretos - 26 de outubro de 1946

Barretos - 27 de maio de 1950

Barretos - 27 de maio de 1950

Barretos - junho de 1940

Barretos - junho de 1940

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

TÊNIS CLUB DE BARRETOIS
1.º MCM

Associação de Tênis de Barretos

Barretos - 26 de 1939

Associação de Tênis de Barretos

Barretos - 26 de 1939

Associação de Tênis de Barretos
Associação de Tênis de Barretos
Associação de Tênis de Barretos

Associação de Tênis de Barretos
Associação de Tênis de Barretos
Associação de Tênis de Barretos

Associação de Tênis de Barretos
Associação de Tênis de Barretos
Associação de Tênis de Barretos

Associação de Tênis de Barretos
Associação de Tênis de Barretos
Associação de Tênis de Barretos

Associação de Tênis de Barretos
Associação de Tênis de Barretos
Associação de Tênis de Barretos

Tênis Club de Barretos

17

Assim, em 1939, com alguns amigos fundaram o Tênis Club de Barretos.

Sendo ele mais interessado, arranjou um bom terreno e um técnico, que a seu pedido, um seu primo enviou, do Club Paulistano, construíram a primeira quadra de tênis, em Barretos.

Os sócios do Club, alguns anos depois, resolveram que seria melhor que o Tênis fosse incorporado, como parte esportiva, ao Grêmio Literário e Recreativo, de que todos eram também sócios.

Assim fizeram a doação do patrimônio do Tênis Club ao Grêmio Literário e Recreativo.

Cartão do Tênis Club de Barretos

TÊNIS CLUB DE BARRETOS

R\$ 20\$000

Sócio: *Dr. Amlr Cotrim*

Barretos, Outubro de 1939

Assinatura do tesoureiro: Paulo Coimbra

Lista da Primeira Diretoria

Tênis Club de Barretos tinha a seguinte Diretoria, nos anos de sua fundação:

- Presidente: Dr. Amlr Cotrim
- Vice-Presidente: Olivier W. Helland
- 1º Secretário: Dr. Mario Mazzei Guimarães
- 2º Secretário: Dr. Samuel da Silva Moreira
- 1º Tesoureiro: Dr. Jarbas Pinheiro Landin
- 2º Tesoureiro: Edson Pinho

Contudo, notícia alguma sobre competições.

O Grêmio Literário e Recreativo de Barretos é que deu novo alento ao esporte da raquete, depois de inaugurada a sua moderna praça de esportes. Disputou, várias vezes, o "Troféu Bandeirantes" e, em 1952, logrou classificar Barretos em 6.º lugar nos Jogos Abertos, realizado em Ribeirão Preto.

Fotos e legendas

- **Foto 1 (superior esquerda):** "1ª quadra de Tênis em Barretos" – *Barretos, Junho de 1940*
- **Foto 2 (superior direita):** Grupo de pessoas em trajes de tênis – *Barretos, Julho de 1941*
- **Foto 3 (central direita):** Grupo maior na quadra – *Barretos, Barretos, 26 de Outubro de 1946*
- **Foto 4 (inferior central esquerda):** "Rosaria e Carmelita" – *Barretos, Junho de 1940*
- **Foto 5 (inferior central direita):** Homem com raquete – *Amir, Barretos, Junho de 1940*
- **Foto 6 (inferior direita):** Quadra de tênis – *Barretos, 26 de Outubro de 1946*
- **Foto 7 (central inferior):** Grupo posando – *Barretos, 26 de Outubro de 1946 (Inauguração da 2ª quadra de tênis)*

AGRADECIMENTOS

Escrever este livro sobre o *Grêmio Literário Recreativo de Barretos* é mais do que narrar a trajetória de uma instituição centenária; é dar voz a memórias que marcaram gerações, honrar histórias que ajudaram a construir o tecido cultural e esportivo da nossa cidade, e reconhecer os laços que unem tradição, pertencimento e comunidade.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para que o Grêmio permanecesse vivo — seja por meio da gestão, da participação, do apoio ou do carinho — nossa mais sincera gratidão. Ex-presidentes, associados, funcionários, amigos, familiares de fundadores e tantos outros que mantiveram acesa essa chama: este livro é também de vocês.

Agradecemos, com especial afeto, a cada pessoa que se dispôs a compartilhar registros, lembranças e relatos que ajudaram a reconstituir a história do início do tênis em Barretos — esporte que encontrou no Grêmio solo fértil para crescer. Sem essas contribuições generosas, seria impossível compreender com a devida profundidade o quanto o tênis significou — e ainda significa — para tantos barretenses.

Nosso muito obrigado aos parceiros, pesquisadores, apoiadores, ao poder público e a todas as instituições que reconhecem a importância da preservação da memória e da cultura local.

E um agradecimento que nasce do mais íntimo do meu coração: às minhas filhas — Claudia, Paula e Laura — e à minha esposa Joana, que nunca deixaram apagar a chama desse sentimento. Que me acompanharam com amor, paciência e entusiasmo, e que mantiveram viva a inspiração para que esta história pudesse, enfim, ser contada.

Sem vocês, esta obra não teria alma.

NOTA FINAL

Mesmo que, por alguma falha humana, não tenha sido registrado em ata, as fotos e os fatos comprovam de forma incontestável onde tudo começou.